

PREÂMBULO AGRESSIVIDADE

Uma das forças mais antigas e enraizadas em todo o processo da civilização é a agressividade. O sectarismo, o egocentrismo de se rivalizar com o externo, de considerar ameaçador tudo o que nos é diferente, o não eu, o não nosso corpo. O considerarmos nosso ponto de vista como expressão única da verdade e daí rejeitarmos – e se possível eliminarmos, ainda que pela violência – as diferenças, as opiniões alheias; o apossarmos do outro, do coletivo, dos bens, do poder a qualquer custo, dentro de nossa deplorável, exclusivista visão bipolar.

Nos superdimensionamos, nos consideramos deuses, titãs imbatíveis. A ânsia e a avidez de nos manter no patamar mais alto. A arrogância, a insanidade de nos ver como o melhor, o mais perfeito, o mais belo, mortais e frágeis vasos que somos. Um dia, uma hora, quando menos se espera, surgem fraquezas, fracassos e humilhações...

Não entendemos – ou que o não queremos fazê-lo – que todos somos seres distintos, portadores de individualidade e subjetivi-

dade únicas, dotados da mais divina sublimidade, atores oriundos das mais diversificadas culturas, ainda que atuando muitos em estranha inconsciência. Compartilhamos um planeta de diversidades de crenças, nações, religiões, partidos políticos, grupos econômicos, clubes desportivos. Convivemos com competições, rivalidades, sectarismos, poluições, discórdias, guerras, a violência mais sórdida contra o ser humano e contra o ambiente que nos acolhe, nos alberga como lar. Custamos a entender que ninguém é, por si só, inteiro, perfeito e que só nos completamos, em todos os sentidos, pelo respeito ao outro, pela convivência sadia, pela reverência e acatamento às diferenças - pela solidariedade, pelo compartilhamento, pela consciência de nossas próprias limitações, de nossos momentos incômodos e de fragilidade existencial.

A humanidade vem, há milênios, aprendendo pela dor e sob o império de leis, muitas delas coercitivas, abusivas, para não dizer cruéis. Somos refratários, míopes, caprichosos e devemos entender que somente reunindo partes é que se compõe o todo.

AO PÉ DA FOGUEIRA

A REMESSA DE PORCOS

Vendera uma partida de suínos para o açougueiro na cidade. Porcada cevada, rechonchuda, pesada, de encher os olhos, recheiar os bolsos. Tudo combinado entre as partes: preço da arroba, tara, modalidade de pagamento (na bufunfa, dinheiro vivo tão logo entregue a mercadoria). O vendedor dos porcos, fazendeiro dos mais respeitáveis e conceituados em toda a redondeza, todavia de pouca prosa, semblante sempre fechado, o sorriso curto e enigmático, informa ao comprador:

- Vou encarregar o sr. S. que é nosso conhecido para levar a porcada. Questão de preferência, pois ele é o carreteiro aqui na região. Na primeira oportunidade, ele “te” entrega a encomenda na sua granja...

O carreteiro, por sua vez, diga-se de passagem, muito cá entre nós, tinha fama de “embrulhado”, amigo de um “rolo”, daqueles de dar nó em fumaça.

E assim foi feito. Daí a dois, três dias, a bicharada, com suas rezingas e grunhidos, é embarcada na ceva da fazenda rumo à cidade. Missão cumprida para o vendedor.

Passam-se dias, semanas e a remessa que não chega! O açougueiro acha estranho. Conhecendo o temperamento circunspecto do vendedor, fica sem jeito de entrar em contacto, perguntar... Pensa, matuta: - Talvez o criador tenha conseguido melhor preço, vendeu para outro... Ou, quem sabe, sistemático como ele é, ficou agastado com alguma palavra, alguma tirada ou comentário que fiz... Só me resta esperar...

Não havia telefones naquele tempo e o único meio de comunicação diário, certoiro era o veículo leiteiro, que recolhia leite in natura nas fazendas, transportando-o até o laticínio na zona urbana. O fazendeiro, homem refinado, porém de temperamento reservado, de não dar espaço para intimidades, sumamente mó dico nas pa-



lavras, só aparecia na cidade, geralmente aos finais de semana. Passou a ir ao açougue, aos domingos pela manhã, onde cumprimentava solenemente o proprietário, ali, como de sempre, retalhando carnes, pesando, anotando, atendendo a vasta clientela. O fazendeiro ciscava por instantes, rodopiava, conversava para dentro, espiava para fora, até ganhar incontinente a rua. Fê-lo por três ou quatro domingos seguidos.

- Ai tem mutreta, pensa o açougueiro. O homem vem aqui gira, rodopia, amassa barro, não abre jogo. Será que ele quer justificar a roeção de cordas, o correr cotia, a não entrega dos porcos?!

No domingo seguinte, o açougueiro resolve deslindar, desatar o nó. O fazendeiro chega, como de hábito, no mansinho, o açougue coalhado de fregueses, manhã ensolarada, cumprimenta o dono, fica por ali volteando. O açougueiro deixa o balcão por instantes, vem dar uma trela especial ao fazendeiro. Pergunta-lhe: - Sr. MW, tenho-o observado, já há alguns domingos. Parece que o sr. tem algo a me dizer ?!

- Eh...Eh...Você queira me desculpar, talvez seja por falta de tempo, vejo-o tão apertado aqui no açougue, mas você se esqueceu de me pagar a porcada...

O açougueiro, atônito:

- Não lhe paguei, são MW., porque aqui não chegou porco algum!

ADIVINHAS

- 1- Com presas pontiagudas quieto espero; com força perfurante pego a isca severo, agarrando vítimas, mastigando sem dó, unindo tudo numa mordida só. Quem sou eu?
 2- O que é, o que é? De dia tem quatro pés e de noite tem seis?
 3- O que é, o que é, que fica cheio de boca para baixo e vazio de boca para cima?

Respostas: 1- Um grampeador; 2- A cama; 3- O chapéu

Provérbios e Adágios

- Ouvirá do carrasco quem se recusa a ouvir dos pais
- Quem em casa de mãe não atura, na da madrasta não espere ventura
- Um dia, cachorro de paca pega cutia
- Unta-se o carro, andam os bois
- Olho e língua não tem freio nem cerca
- Quem muito fala apanha da própria tala (relho)
- Se valesse gritaria, porco não morreria

Para refletir:

Temos de estabelecer nossos próprios caminhos no mais diverso e interessante dos universos concebíveis – um universo que é indiferente ao nosso sofrimento, mas nos oferece a maior das liberdades, para prosperarmos ou falharmos, no percurso que escolhermos (Gould – paleontólogo)

Não basta ter sido bom quando se deixa o mundo. É preciso deixar o mundo melhor (Bertold Brecht)

O que me incomoda não é o grito dos maus e, sim, o silêncio dos bons (Martin Luther King)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

CORETO NA PRAÇA E SALÃO PAROQUIAL

O Conselho Municipal do Patrimônio Cultural esteve reunido, no dia 22 de agosto, para finalizar a documentação de “tombamento e restauração da Liteira”, peça importante do acervo do Memorial Santiaguense.

Nesta reunião duas obras importantes foram também tratadas, dada a relevância e a serventia que as mesmas têm para a comunidade.

1º- O Coreto da Praça Ministro Gabriel Passos – Uma obra construída sem bom planejamento, sem uma bela arquitetura.

Os membros do Conselho teceram muitos comentários sobre o que se ouve da comunidade a respeito do Coreto: - “uma arquitetura muito feia”; - “um espaço inútil”; - “uma obra que tira a visão da Praça e da Igreja” – e outras coisas mais.

O conselho se posicionou ao lado da Comunidade, concordando com todas as afirmativas que se ouvem e, por isso, vem a público conclamar a sociedade são-tiaguense para que se una em torno desta causa, sugerindo ao poder público municipal providências no sentido de reconstruir no local, um Coreto Bonito, útil e que não tire a visão da Praça e da Igreja. Nossa Praça é nosso cartão Postal.

2º- O Salão Paroquial – O Conselho do Patrimônio Cultural conversou muito sobre o Salão Paroquial, que está desativado há anos e fazendo muita falta à comunidade para palestras, teatros, reuniões, seminários, etc.

O Salão como o próprio nome diz é Paroquial, portanto da Paróquia.

A Comunidade precisa se movimentar em favor desta causa.

Aquele Salão onde tantas emoções já foram vividas através das belíssimas formaturas do Ginásio e do Curso de Magistério, onde tantas peças de teatro foram ali encenadas por talentosos atores da comunidade, onde apresentações musicais, homenagens, festas cívicas já aconteceram, ele precisa voltar a fazer parte da nossa vida.

E, agora, fica a comunidade estática, sem nada sugerir, sem incentivar a Paróquia e sofrendo tanta carência de espaço para suas atividades culturais.

Vamos colocar nossas ideias à solta nas ruas, nas rodas de conversas, em família e assim reconstruir nossa história e nossos eventos.

Maria de Lourdes Rezende (Cairú)

SAMUEL VIEIRA:

Eu estava navegando aqui no grupo Memórias de São Tiago e vi uma foto do Monsenhor Elói, fardado na época que era 1º Tenente do Exército. Decidi por curiosidade colocar esse termo de busca no Google: “1º Tenente Capelão militar Pe. Elói de Oliveira”. Achei esse trecho de um livro do João Barone (baterista dos Paralamas): “1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida” Ed Ediouro, Marcus Santiago. Eu não sabia que o Monsenhor havia sido condecorado, no esforço de guerra, pelo exército americano. Bacana demais, não só a menção do nome dele no livro, como também pela distinção militar. E eu não sabia!

Um grupo restrito de 42 soldados de religião judaica integrou a FEB, mas não havia um rabino do SAR para assisti-los. Os capelães tiveram papel importante ao realizar missas — muitas delas rezadas num altar improvisado sobre o capô de um jipe. Os integrantes do SAR apoiavam os soldados feridos nos hospitais e operavam junto aos integrantes do Pelotão de Sepultamento, que tinham a dura e muitas vezes perigosa missão de resgatar os corpos de soldados mortos em ação.

Frei Orlando, um dos capelães que mais se destacaram ao longo da campanha da FEB, se tornou o patrono do Serviço de Apoio Religioso, depois de sua morte accidental, enquanto se dirigia até a frente de combate, na véspera do último ataque ao Monte Castello, em 20 de fevereiro de 1945. O primeiro-tenente, padre Elói de Oliveira, foi condecorado com a Bronze Star americana, por seus serviços prestados mesmo sob fogo inimigo.

Nota-se que Barone cita o termo “mesmo sob fogo inimigo”, evidenciando que que a ação desse nosso grande conterrâneo, no conflito foi mesmo diferenciada.

Dando continuidade sobre a condecoração recebida (Bronze Star): “Heroic or meritorious achievement or service”. É concedida por atos de heroísmo, atos de mérito, ou serviço meritório em uma zona de combate. O verbete da Wikipedia ainda cita que que a medalha de bronze é a quarta mais alta condecoração individual do exército americano. Em: http://en.wikipedia.org/wiki/Bronze_Star_Medal

Entre alguns conhecidos que receberam a mesma condecoração estão o autor Ernest Hemingway (Nobel de Literatura) e o diretor Oliver Stone! Chique demais.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



MIUDEZAS E GRANDEZAS EM CENTAVOS...

FOTO INTERNET/DIVULGAÇÃO

Joaquim Campos, empresário nos ramos de comércio e lazer (clube danceteria), foi uma importante personalidade da história são-tiaguense. Proprietário de conceituado e tradicional estabelecimento comercial na Av. Cel. Benjamim Guimarães (denominada antigamente Rua da Pavuna), herdada de seu pai José Campos⁽¹⁾, outro célebre homem de negócios local. Um armazém de secos e molhados, onde se vendia praticamente de tudo: cereais, bebidas, queijos, ferramentais e artigos para lavoura, armarinhos, utensílios domésticos etc.

Joaquim era igualmente proprietário de uma celebrada casa de danças ou salão, onde se realizavam bailes, tertúlias, festas típicas, em especial à noite, finais de semana e com maior ênfase no decorrer dos festejos de Carnaval, do Padroeiro São Tiago, de Agosto etc.

Joaquim era homem experiente, metódico, “seguro”, daquelas pessoas argutas que, segundo o peculiar linguajar popular, dão nó até em fumaça, difíceis de serem passadas para trás em uma transação. Embora simples e festivo no falar, no vestir, no negociar, era pessoa astuta, sutil, que escondia o jogo e com faro especial para o comércio.

O comércio local e das pequenas comunidades de então, era abastecido por mercadorias adquiridas e embarcadas nos grandes centros (geralmente Rio de Janeiro) e desembarcadas nas estações ferroviárias mais próximas – no nosso caso, Ibitutinga, Congo Fino, etc. – e dali remanejadas até nós no lombo do burro ou carros de bois⁽²⁾.

Após a implantação das primeiras rodovias (estradas intermunicipais), a partir da década de 1930, as mercadorias, gradualmente, passaram a ser transportadas em veículos automotores. Para a aquisição dos produtos, muitos comerciantes – aqueles mais “fortes”, de melhor capacidade financeira e dotados de mais “expediente” – deslocavam-se ao Rio de Janeiro. Outros, de menor porte ou por conveniência, optavam por adquirir os produtos de vendedores ambulantes (“turcos”, “mascates”) ou através de viajantes “cometas” que eram representantes credenciados por grandes firmas nacionais ou estrangeiras, deslocando-se, de forma sacrificial, pelo País no atendimento/fornecimento de mercadorias ao comércio interiorano em geral.

Os caixeiros-viajantes, mascates, vendedores ambulantes, representantes comerciais cumpriram uma extraordinária e patriótica missão, desbravando rotas, levando progresso, modernidade aos mais distantes rincões do País. Heróis anônimos, esquecidos, porém épicos em suas atividades, enfrentando toda sorte de dificuldades, más acomodações, desconfortos, riscos, insegurança, desconfiança e a tudo souberam enfrentar e sobrepujar⁽³⁾!

Muitos desses “cometas” tornaram-se célebres. Temos em São Tiago a trágica história de Horácio José Marques de Abreu, primo sobrinho do poeta Casimiro de Abreu, que era representante da firma Social de Oliveira Valle e Campanha, do Rio de Janeiro, e foi aqui assassinado em 14/08/1907 sendo sepultado no Cemitério local⁽⁴⁾.

Um dos mais conhecidos e estimados viajantes que passavam periodicamente por São Tiago, em sua jornada Minas afora, isso a partir de meados do século passado, foi o sr. Joaquim Marques Antunes, de nacionalidade portuguesa⁽⁵⁾ que tinha fortes vínculos pessoais e familiares em nossa região, granjeando igualmente pelo seu carisma e idoneidade, sólidas relações de amizade e admiração

Ardiloso, Joaquim Campos tinha poucas mercadorias à mostra, e quando questionado, se lamuriava, dizendo que as vendas eram poucas, era homem de pouco capital não podendo, portanto, imobilizar muito e outros regateios por aí afora...

Amigos íntimos, certo dia, Antunes – ali no comércio de Joaquim Campos, observando o estoque minguado, parcimonioso, poucos produtos expostos, na verdade quase nada para se ven-



der, a “choradeira” de sempre do comerciante – diz ao proprietário, obviamente uma brincadeira, uma troça, que lhe compraria tudo, dinheiro vivo.

- Vou adquirir seu estoque, amigo Joaquim. Pago-lhe dez centavos por peça...

- Negócio feito, diz o dono na hora, na bucha

Esquecera-se o viajante de que estava diante de um homem ardiloso, que exibía uma aparência modesta, mas a maior parte do estoque escondida, até no forro e assoalhos, era período de fiscalização tirânica promovida pelo Estado mineiro.

Começam a inventariar o aparentemente pequeno estoque. 5 machados – Cr\$ 0,50; 8 enxadas – Cr\$ 0,80; 20 fechaduras – Cr\$ 2,00; 4 martelos – Cr\$ 0,40 E por aí afora. Chaves de fenda, cadeados, bules, painéis, canivetes, pegadores de roupa, facões, botinas... la tudo bem. Pouco produto a ser listado e avaliado. Até que entram no setor de miudezas e Joaquim, arditosamente, começou a retirar das gavetas e caixas, parafusos, porcas, arruelas, alfinetes, agulhas, botões, pregos de todos os tamanhos e calibres.

Antunes começa a se assustar. Um roteiro até ali calmo, e eis que os ventos mudam. A conta, somando-se as miudezas, já estavam em centenas de cruzeiros, o dinheiro da época e pelo volume de pacotes que Joaquim ia despejando sobre o balcão, chegaria rapidamente a milhares. Uma fortuna.

O amigo Antunes não teve outra saída senão desistir do negócio.

NOTAS

(1) Sobre o sr. José Campos, ver matérias em nossos boletins: LXVI Março/2013 e LXXXIII Agosto/2014

(2) A maior atividade econômica de São Tiago no passado era o transporte de cargas e animais. Grande número de moradores dedicava-se às atividades de tropeiros, muladeiros, boiadeiros, transportando mercadorias por toda a região e muitos deslocando-se até a “Corte” (Rio de Janeiro) e “sertões”. Outros eram proprietários ou utilizavam-se de carros de bois e carroças. Ver matérias em nosso boletim, a esse respeito; Cel João Luiz de Resende - boletim LX Setembro/2012.

(3) Recomendamos a leitura do livro “Minha vida de caixeiro viajante”, autoria de nosso conterrâneo sr. Paulo Palumbo, no qual narra suas peripécias pelo interior mineiro, obra de agradável e surpreendente leitura e que pode ser encontrada nas bibliotecas de nossa cidade.

(4) Sobre o “cometa” Horácio J.M. Abreu ver matéria em nosso boletim nº V, Fevereiro/2008.

(5) Sr. Joaquim Marques Antunes era natural de Portugal, filho de Antonio Marques e Maria Gonçalves, tendo nascido em 04/04/1909. Ainda jovem, emigrou para o Brasil, fixando-se em Minas Gerais, onde dedicou-se ao ramo de viajante e representante comercial, deslocando-se a negócios por todo o Estado.

Casou-se em 07/02/1948 com a Srt^a Andreína de Oliveira (nascida em 12/06/1920) filha do Sr. Domiciano Monteiro dos Santos e Maria Pia de Oliveira, proprietários da Fazenda Retiro de Cima, em Resende Costa.

Povoamento da região do Rio das Mortes

A região do Rio das Mortes foi desbravada inicialmente por bandeirantes paulistas, em finais do século XVIII, à procura de ouro e pedras preciosas. Algumas dessas expedições contavam com a ajuda oficial (Coroa portuguesa). A mais conhecida de todas as bandeiras, a de Fernão Dias Paes, atravessou nossa região em 1674, seguindo em direção ao norte, lembrando que o bandeirante contava então 66 anos. Em 1692 o bandeirante Antonio Rodrigues Arzão descobriria veios auríferos em Rio Casca. Com o tempo, ante as notícias da descoberta de ouro, aventureiros e mineradores, provindos das mais diversas regiões e origens, para aqui foram atraídos e muitos acabaram se fixando, o que demandava acomodações e o incremento de bens de consumo.

Inúmeras as dificuldades encontradas: geografia montanhosa e traiçoeira, rios caudalosos, inexistência de caminhos, doenças, feroz resistência e ataques dos indígenas. Os habitantes originais dessa região eram os índios Cataguases, temidos pelos bandeirantes, sendo necessárias várias expedições, dentre elas a de Lourenço Castanho Taques (1668), a fim de quebrar a feroz oposição dos silvícolas.

Tornou-se a região, após vencidos os obstáculos iniciais (embates contra os indígenas), passagem obrigatória, para quem, vindo de São Paulo e Rio de Janeiro, transpondo o Rio Grande e a Serra da Mantiqueira, buscava as regiões de Sabará, Vila Rica, Rio das Velhas e daí em direção ao São Francisco e Rio Doce. O primeiro branco, ao que se conhece, a se estabelecer em nossa região foi o paulista Tomé Portes del-Rei, por volta de 1701, que no lugar “Porto Real da Passagem”, no denominado “Caminho Novo”, entre as hoje cidades de Tiradentes (então denominada Arraial Velho do Rio das Mortes - 1701) e São João del-Rei (Arraial Novo do Rio das Mortes - 1704), exercia as funções de guarda mór e cobrador da passagem (travessia do Rio das Mortes). Tomé Portes aí vivia com a sua família, cuidando de suas canoas, da produção agrícola, criação de animais e da venda de víveres e munições para viajantes e mineradores. Outro branco instalado à mesma época na região foi o bandeirante João de Siqueira Afonso, responsável, segundo o historiador Diogo de Vasconcelos, pela descoberta de ouro no sopé da Serra de São José, por volta de 1701, dando origem à Vila de São José del-Rei (hoje Tiradentes), que se formara, então, a partir de um agrupamento de garimpeiros.

Toda essa região, ante as atividades mineradoras e o crescente fluxo de pessoas em trânsito, foram gerando núcleos populacionais, dando origem a cidades como Prados, Lagoa Dourada, Resende Costa, Carrancas, Ritápolis, São Tiago, dentre outras. No caso específico de São Tiago, o historiador Afonso Ávila data as origens em 1708. Carlos Oliveira Malaquias, em seu ensaio “População, fronteira e ruralização em São José do Rio das Mortes na passagem do século XVIII para o século XIX”, (fonte www.ilb.ufop.br/111simposio/17.pdf) afirma: “Assim, ao criar um porto de passagem sobre o Rio das Mortes e um local de pouso para os viajantes de São Paulo no centro de Minas, Tomé Portes estabeleceu as bases para as expedições que encontraram ouro nos sítios vizinhos de São João del Rei, São Tiago e Prados e para os sesmeiros que, margeando o Rio das Mortes e, se espraiando rumo ao oeste, fundaram até meados do século XVIII, vários povoados rurais...”

De ajuntamentos e acampamentos de faiscadores ou de toscos pontos de pouso de viajantes - geralmente em locais de topografia desfavorável típicos de região montanhosa, ainda que próximas a leitos de rios - formaram-se, em grande parte, as nossas atuais cidades, as quais foram se incorporando e se adequando às curvas dos sítios urbanos, daí as conformações irregulares de linearidade e alinhamento observadas em nossas urbes. Núcleos a que iam se acrescentando uma igreja, uma venda, uma forjaria, uma selaria, e por vezes um pelourinho. Os portugueses de origem, dada a sua pouca tradição rural, eram, de forma geral, os que se dedicavam a tais atividades de comércio e ofícios artesanais.

A composição social das regiões mineradoras, à época, século XVIII e inícios do século XIX, mostra a existência de pessoas ricas ligadas à exploração do ouro, geralmente perdulárias, se brasileiras; bandeiran-

tes, escravos, funcionários da Corte ou ligadas à administração (fiscais, contratadores, intendentos, etc.); militares e uma ampla súcia de marginais e desclassificados. As minas eram ambiente de gente intratável, onde a ambição financeira sobrepunha-se em detrimento do direito, da moral, da fé. Uma sociedade instável, heterogênea. Grande parte dos moradores era nômade ou aventureira: paulistas afeitos à vida rude dos sertões, nortistas, boiadeiros, vadios do litoral, degredados europeus, ciganos, judeus, mamelucos, cristãos novos, falsos religiosos, criminosos de toda ordem...Portugal e seus arquipélagos (as ilhas dos Açores, diga-se, foram o viveiro fecundo que abasteceu o Brasil de população no século XVIII) viram reduzidas drasticamente suas populações que se atiravam, mar afora, em busca do eldorado americano e da riqueza fácil⁽¹⁾Tamanha a presença e o afluxo de estranhos à região que Antonil, em sua obra “Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas”, escreveu em 1711:

“A sede do ouro estimulou tantos a deixarem suas terras e meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas que dificilmente se poderá dar conta do número de pessoas que atualmente lá estão”

A ocupação das áreas auríferas e mineradoras não ocorreria, portanto, de forma pacífica. Além dos conflitos com os nativos (índios), ocorreram sérios confrontos entre paulistas e forasteiros (esses, geralmente portugueses, vindos do Continente ou das ilhas atlânticas e ainda brasileiros que, para aqui se deslocavam, de todas as partes da Colônia). Por volta de 1707, inexistindo autoridade constituída, estourou a denominada Guerra dos Emboabas – nome pejorativo dado aos “de fora”: portugueses e demais que se dirigiram à região das minas de ouro), conflito que se estendeu até 1709, saindo vencedores os emboabas, sob o comando de Bento do Amaral Coutinho. É dessa fase o trágico episódio do “Capão da Traição”, em que paulistas rendidos ou iludidos com promessas de clemência, foram friamente chacinados pelos emboabas.

As autoridades coloniais despertaram, tomando, a partir de então, iniciativas administrativas, judiciais e fiscais, dentre elas a criação da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro (1710), sendo nomeado governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; já em 1720 era criada a Capitania das Minas Gerais e ainda a distribuição de sesmarias, dentre elas as compreendidas no itinerário da “Picada de Goiás” instituída pelo Governo Português (1737). Em 1714, foram definidas as jurisdições das Comarcas pelo governador D. Braz Baltazar da Silveira, sendo a Vila de São João del Rei eleita como sede da Comarca do Rio das Mortes.

A consolidação do poder da Igreja, a instalação de câmaras e senados, a presença e a ação da burocracia colonial portuguesa, a fixação dos moradores nos núcleos urbanos, a distribuição de sesmarias, a expansão das fazendas, permitiram a estabilidade social e a formação de uma identidade/identificação da população, eliminando-se gradual e consistentemente os domínios da desordem e do caos reinantes nos tempos das minerações.

Nos meados do século XVIII, é já visível a decadência das minas, agravado ao fato da rígida política posta em prática pelo Marquês de Pombal de férreo controle das vilas e arraiais mineradores. A cobrança de impostos foi a fórmula encontrada pela Coroa para continuar arrecadando e acumulando riquezas, a essa altura esgotadas. São nomeados contratadores, com a missão de cobrar o dízimo a qualquer custo, gerando insatisfações e daí a conjurações como a Inconfidência Mineira”. As companhias de dragões promoviam uma caça implacável à busca do ouro tributado pelo Erário Português, vasculhando minas, casas, perseguindo contrabandistas, numa opressão e espoliação intoleráveis à população. O povo cansara-se do monopólio reinol e da implacável cobrança de tributos. A consciência libertária mineira, formada por membros da classe dominante e pequenos burgueses, inspirara-se nas ideias dos enciclopedistas e filósofos iluministas franceses (Diderot, Rousseau, Montesquieu, Voltaire) e no vitorioso processo de independência dos Estados Unidos da América (1776)

Diversas personalidades da região participaram do movimento – ou foram apontadas como membros – dentre essas Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (nascido na Fazenda do Pombal, hoje pertencente ao município de Ritópolis); o Pe. Carlos Correa de Toledo e Mello, vigário da freguesia de Santo Antonio, da Vila de S. José del-Rei, hoje Tiradentes e que tinha propriedades no lugar “Vargem Alegre” em São Tiago; o Cap. José de Resende Costa e seu filho, de idêntico nome, residentes na Lage (hoje Resende Costa); o alferes Vitoriano Gonçalves Veloso; o Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes, com propriedades em Prados e na Lage. Derrotada a Conjuração, enforcado o seu líder Tiradentes, convivendo com a estagnação das atividades mineradoras, a Capitania de Minas recolheu-se, aparentemente, em termos políticos. A região do Rio das Mortes passou a incrementar novas atividades, em especial a pecuária, a produção agrícola, bem como têxteis (tecidos grosseiros). Volta-se para a produção e o abastecimento de bens de consumo, em especial alimentos, levados em tropas de burros, não só das regiões vizinhas que ainda se dedicavam à exploração aurífera, mas de vastas áreas, com destino ao Rio de Janeiro, principalmente a partir da chegada da Família Real (1808).

O ciclo do ouro em declínio, o fracasso da Inconfidência gerou no mineiro um espírito autônomo, a ruptura com o isolacionismo político-cultural. O holocausto de Tiradentes no patíbulo, o sacrifício rebelde dos mineiros, ao lado da ruína das jazidas, geraram uma impetuosidade temperada, uma serenidade em meio ao turbilhão e à desorganização, tornando-se o homem montanhês um revolucionário conciliador, harmonioso e com uma certa rejeição e interrogação em face do mundo. Toda a ambiência setecentista viria criar a “mineiridade” ou “espírito de Minas”, a soldagem entre as “Minas” e as “Gerais”, uma vivência híbrida entre o esplendor da riqueza do ouro, o saudosismo pela sua perda e a nova dinâmica econômica da Província, direcionada para a produção agrícola, o abastecimento local e de grandes núcleos urbanos.

Autores conceituados como Mirian de Barros Latif em sua obra “As Minas Gerais” (Ed. Agir, 1960) enfocam a simbiose, a combinatória ou soldadura existentes no mineiro – a existência entre o imaginário e o real – comparando-os aos personagens novelescos de Cervantes: D. Quixote e Sancho Pança. “Existem Dons Quixotes e Sanchos por toda a parte e ambos são necessários a qualquer gênero de vida, por corriqueira que seja. Mas o que há realmente apreciável no homem é a simbiose desses dois aspectos num equilíbrio sábio que os mineiros, nas cumeadas das suas “alterosas”, praticaram como verdadeiros equilibristas e sempre possuíram como ninguém. Foi, sob este aspecto, tão necessário ao bom andamento dos negócios do Governo, que os mineiros se firmaram na política, não apenas da sua província, como do País todo” (pág. 213, op.cit.)⁽²⁾

A implantação da Estrada de Ferro Oeste de Minas (1888) foi outro grande fator de incremento e de alteração da vida política e econômica da região. As cidades no entorno de S. João del-Rei - ante o arrefecimento do transporte por mares, com a desativação do “Caminho de Goiás” e outras estradas interioranas, que passou a ser feito por via férrea e posteriormente por via rodoviária - sofreram considerável estagnação em especial no século XX e somente, ultimamente, com esforços próprios na área do turismo, resgate das tradições artesanais, gastronômicas, - e diga-se com pouco apoio estatal - vem se fortalecendo, exibindo seu secular carisma provinciano.

NOTAS

(1) Um dos clãs ou troncos familiares que mais contribuíram para o povoamento de nosso meio proveio das “Três ilhoas”, filhas de Manuel Gonçalves Correia, o “Burgão” e Maria Nunes, vindas da Ilha de Fayal, nos Açores, e que se estabeleceram na região de São João del Rei, por volta de 1723. Uma delas, Antonia da Graça, era já casada com Manuel Fonseca; outra, Julia Maria da Caridade, casou-se aqui com Diogo Garcia e a caçula, Helena Maria de Jesus, casou-se com João de Resende Costa.

As “Ilhoas” deixaram enorme descendência (deram elas origem, por casamentos de descendentes e respectivas intersecções familiares, às famílias Vilela, Borges, Neves, Resende, Machado, Junqueira, Reis, Meirelles, Melo, Ávila, Figueiredo, etc.) e que, a partir de nossa região, migraram para o Sul de Minas, Triângulo Mineiro, Goiás, Mato Grosso, S. Paulo, Paraná. Foram os descendentes se afazendendo, se reproduzindo, edifi-

cando povoações, estendendo-se assim o sangue açoriano das “Ilhoas” por quase todo o País.

Outra curiosidade sobre os Açores e Madeira e, em particular a Ilha de Fayal, é que esta sofreu, em tempos idos (Idade Média e Renascença) influência da colonização flamenga. Assim, famílias brasileiras como Horta, Silveira, Rosa, Dutra, Terra, Brum, etc. tem ascendência em antigos colonizadores flamengos daquelas ilhas.

(2) O interessante estudo de Mirian Latif sobre a mineiridade faz um paralelo simbiótico do mineiro (e nossas entranhas humanas, psicológicas, comportamentais...) Uma leitura indispensável para quem deseja conhecer, caso isso seja possível, a complexa personalidade do Mineiro...

D. Quixote: obstinado quando faisca o ouro e se deleita, se enleia pelos sonhos dos metais. Sustenta-se nos devaneios, nos louros a serem propiciados pelas fugazes lavras. Daí o mito da nobilitação e mitificação da família rural mineira.

Sancho – racional, os pés no chão, ao avaliar a produção de sua lavra e o peso dos impostos

D. Quixote – destempero, desvario, o entusiasmo romântico. As minas esgotadas e a esperança de achar um “cascalho rico”. O passado glorioso, fastoso, glamoroso... Fidelidade aos valores ancestrais

Sancho: a temperança, ponderação, bom senso, moderação. Lealdade. O presente representado pelas “Gerais” (fazendas e indústrias que transformaram a economia)

Em suma: o mineiro em equilíbrio, que vislumbra o futuro, mas evita grandes riscos. A montanha como reservatório dos valores provincianos...

DE EMBOABAS E CONSTITUCIONALISTAS DE 1932

A palavra “Emboaba”, de origem tupi “mboab”, significa, segundo os etimólogos, “galinha calçuda” – era o nome que os indígenas davam às aves com penas até nos pés. Como os portugueses utilizavam-se de botas, ao se locomoverem nas selvas, cobrindo-lhes parcialmente as pernas, passaram assim a ser apelidados pelos nativos e paulistas.

As mulheres paulistas, historicamente, sempre foram exemplo de dedito, tenacidade, altivez, bravura, decerto fruto do sangue mameluco que lhes corria nas veias. Já no século XVII, durante a epopeia de Fernão Dias à cata de esmeraldas pelos sertões, enfrentando toda sorte de dificuldades, sedições e deserções, faltando o apoio prometido pelas autoridades portuguesas, encontramos a extraordinária figura da esposa, D^a Maria Rodrigues Pais Betim, que vende joias, bens e objetos da casa, a fim de socorrer a expedição do marido. Registre-se o fato de que, morto Fernão Dias, (1681) a Coroa Portuguesa, ali representada pelo fidalgo Rodrigo del Castel Branco, se nega a conceder qualquer parte das jazidas descobertas, à família de Fernão Dias, o homem que rasgara fronteiras no interior do País e impulsiona o ciclo do ouro, deixando viúva (então com 40 anos) e cinco filhas na extrema miséria.

Peculiar fato da Guerra dos Emboabas viria a se repetir na Revolução Constitucionalista de 1932. Vencidos pelas forças do infame e traiçoeiro Bento do Amaral Coutinho, em Janeiro de 1709, às margens do Rio das Mortes (segundo pesquisas mais recentes, o “Capão da Traição” se localiza hoje no Município de Cel. Xavier Chaves ou Lagoa Dourada), os paulistas sobreviventes, ao retornarem aos seus lares, foram recusados por suas mulheres...

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, em que São Paulo lutou, só e bravamente, contra as forças getulistas, as mulheres paulistas participaram ativamente da guerra, em todos os níveis: estimulando filhos e maridos ao combate, confeccionando fardas, tendas, atuando nos serviços de enfermagem, abastecimento, ação social, etc. Revolucionárias, em todos os sentidos. Os homens que se omitiam, eram ridicularizados e tratados pelas mulheres como “mariquinhas”.

O escritor Mário de Andrade, em uma de suas crônicas da época, conta que, em plena Rua Direita, no centro de São Paulo, no fragor das batalhas, certa jovem – bela e bem vestida – aproximou-se de um rapaz, que por ali vagueava ociosamente e lhe ofereceu um envelope fechado. Indagou a jovem:

- Quer ficar com um?

- Pois não, senhorita! respondeu o rapaz.

- É grátis, explicou a moça, que continuou a andar, distribuindo mais envelopes para outros rapazes, que por ali perambulavam.

Quando eram abertos, num papel dobrado em oito, a seguinte legenda:

- Vista saia!

Para a raça daquelas intrépidas mulheres, homem que não estava a serviço do Estado paulista e da defesa da Constituição – ultrajada pelo getulismo - como naqueles duros momentos vividos, deixavam de honrar o sexo masculino...

A ESCASSEZ DE ÁGUA E A EXPANSÃO URBANA

O “Jornal das Lages”, excelente publicação de nossa vizinha cidade de Resende Costa, a cuja equipe parabenizamos penhoradamente, em sua edição nº 136, Agosto 2014, traz consideráveis matérias sobre a organização urbana e o problema de escassez de chuvas na região Sudeste, conteúdos os quais endossamos plenamente e nos valem para considerações de cunho geral e/ou aplicáveis pari passu a São Tiago e outras comunidades de nosso meio.

Fala-se e convive-se hoje com o problema da escassez de água em grandes áreas do País, mais especificamente na região Sudeste. Uma realidade crua e nua para os moradores que passam a conviver com racionamentos ou mesmo a falta total da água nas torneiras. Não só megalópoles como São Paulo, mas também cidades de pequeno e médio porte (em Minas há o caso de Pará de Minas e outras pelo País afora com fragilidade de abastecimento de água). O alerta é geral.

Há carência, ademais, de água para a produção de energia elétrica. Represas do Sudeste e Nordeste com índices baixíssimos de reserva hídrica, obrigando o Governo e concessionárias a utilizarem-se de usinas termoelétricas, que são poluentes, de custo operacional caro, gerando, por sua vez, majoração no preço da energia elétrica para consumidores residenciais e industriais. Fala-se e especula-se quanto a um tarifaço, com aumentos de até 50% sobre os valores atuais, tão logo passem as eleições.

Quais as causas da redução dos volumes de água? Inúmeras as respostas. Fenômenos como El Niño e La Niña que ora esquentam, ora esfriam as águas do Oceano Pacífico são mencionados como uma das principais causas da instabilidade climática, provocando estiagens em alguns pontos (qual ocorre atualmente na região Sudeste) e cheias e temporais intensos como na região Amazônica e trechos do Sul do País. Isto não explica tudo. Não há, a nível macro ou micro, políticas de uso racional dos recursos hídricos. Nossos mananciais estão degradados, simplesmente secando. O desmatamento de nascentes, beiras de rios e matas em geral; o assoreamento dos leitos dos cursos d’água; lançamento de lixo e esgotos a céu aberto ou diretamente nos rios.

O País – com base no ranking de saneamento básico divulgado recentemente pelo Ministério das Cidades – exhibe, por outro lado, um quadro de muito desperdício de água. Vazamentos, ligações clandestinas, uso indevido e até abusivo por muitos, dentre tantas irregularidades.

Registre-se a expansão urbana desordenada em que áreas de nascentes e mananciais são ocupadas, seja por pessoas comuns ou por grupos empresariais em loteamentos ambientalmente incorretos, contando-se quase sempre com a omissão do Poder Público. Há uma ânsia, senão ganância desenfreada em se ocupar

até o último pedaço do já restrito espaço urbano e o pior com a complacência dos poderes constituídos. Locais na periferia urbana, que, no passado, eram nascentes, em que visitávamos em excursões escolares ou ali se buscava barro para brincadeiras ou pequenos trabalhos artesanais, tornaram-se lotes. E por vezes, em loteamentos que sequer áreas verdes, legalmente obrigatórias, são reservadas...

Lamentável que o Poder Público não consiga se opor ao poderio de empresários e de tantos outros interesses individuais e grupais, inclusive de invasores como sói ocorrer nas grandes cidades, lesivos à população e às futuras gerações! O erro crasso ou a causa mór de tudo isso é a inexistência ou a não aplicação do Plano Diretor, em particular nos municípios. Dentro do caos logístico-estratégico em que vivem, Poder Público e extensivamente a iniciativa privada agem aleatoriamente, portanto não dispõem de uma linha ou de um instrumento básico definidos de desenvolvimento planejado do município. Sem marcos regulatórios, o cumprimento da lei torna-se terra de ninguém, advindo a desordenação urbana, a preponderância de interesses inferiores, a perda da identidade histórica, arquitetônica e ambiental local. (Em São Tiago, o único administrador, ao que se sabe, a elaborar um Plano Urbanístico foi o Sr. Octávio Leal Pacheco, ainda na década de 1950. De lá para cá...)

Como justificar, pois, a presença de torres e antenas em pleno centro urbano, inclusive próximas a escolas? Como explicar a doação, no passado, de áreas públicas, quem sabe até quarteirão, para particulares? Como entender o fato do Município não dispor de espaços próprios ou significativos, tendo que fechar ruas para a instalação de suas edificações (caso de escolas)?

Na verdade, os Poderes Públicos se omitem na execução do planejamento urbano, enredados muitos gestores em promessas eleitoreiras, burocracia, embromações, má aplicação do dinheiro público, de que o Ministério Público e a Justiça estão cheios de processos.

Outra alerta – Especialistas em demografia e desenvolvimento urbano vêm alertando quanto ao rápido envelhecimento da população brasileira, bem como os problemas em setores básicos não resolvidos ou que são protelados ad aeternum pelos governantes: saúde, saneamento básico, educação, moradia, segurança, lazer, as aposentadorias míseras pagas aos aposentados da iniciativa privada pelo INSS e que se acumulam. Demandas que irão aumentar, pois daqui a 30 anos, assim os estudiosos calculam, os idosos, acima de 65 anos, serão 40% do eleitorado.

O que está sendo feito pelos nossos administradores para atender-se às necessidades de nossa terceira idade? Onde atividades programadas, clubes, oficinas ocupacionais, espaços de lazer dirigido, práticas esportivas e de saúde adequadas?



O Problema da água ante a passividade de governantes e sociedade

A escassez de água ronda desde metrópoles até as pequenas cidades e fazendas, nascentes secando, reservatórios se esgotando, recursos naturais se exaurindo, problemas imensos de ordem ambiental à vista de todos... A água, o chamado líquido precioso, é essencial à vida, para se beber, irrigar plantações e pastos, lavar, banhar-se.

O que se faz, que providências são tomadas por governantes, empresários, o cidadão comum para se evitar o risco da escassez total, fatal?! Predação e omissão andam de mãos dadas. Nenhuma campanha educativa, de conscientização é feita pelo Poder Público. A impressionante passividade com que autoridades e parte da população lidam com o gravíssimo problema da carência de água, fruto de desmatamentos em especial nas cabeceiras e margens, assoreamento de rios, desertificação, lixo despejado no leito de córregos e nascentes, poluição industrial urbana...

Ouve-se que se aguardem as chuvas, que as causas são mudanças climáticas, há quem recomende rezar aos pés do cruzeiro, reclamar a São Pedro. Incrível como pessoas colaboram para o abate indiscriminado, alucinado de árvores, sabendo-se de sua vital importância no equilíbrio ambiental-climático, sem falarmos das que implicam e acabam por liquidar as já poucas árvores urbanas. Continuamos omissos, ouvidos moucos, embora as advertências de cientistas, pensadores, ambientalistas!

Como entender a conduta humana, cujas atitudes daninhas trazem prejuízos a todos? Como explicar nossas escolhas e ações imediatistas, individualistas, predatórias – vantagens e lucros a qualquer custo – esquecendo-nos de que somos mortais, de que a vida do planeta continua e se prolonga, que nos cabe preservar e construir, que a civilização prossegue nas mãos de nossos filhos e netos? O que será da espécie humana, das novas gerações?

Como entender o silêncio dos governantes, empresas, mesmo líderes religiosos, quando a natureza emite seus avisos (bruscas alterações climáticas, vulcões, tsunamis, estiagens), comprometendo-nos a sobrevivência? Não observamos nenhum apoio oficial aos pequenos proprietários, muitos deles entregues ao deus dará e que apoiados, assistidos tecnicamente, não veriam as nascentes e fontes de suas propriedades secarem. E ações contra o vandalismo de desmatamentos, de ocupações do solo aberrantes, de lixo lançado a céu aberto.



A ÁGUA

A água compõe 60% de nosso corpo, 70% de nosso cérebro, 80% de nosso sangue.

Pode-se viver até um mês sem se alimentar, mas sobrevivemos apenas uma semana sem água.

A mesma água que existia na Terra há milhões de anos, existe ainda hoje. Ela cobre toda a Terra, mas somente 3% dela é potável e em sua maioria, congelada.

Apenas 1% da água é acessível ao consumo, sendo que 0,007% potável.

3/4 da água que entra em nossas casas é utilizada nos sanitários e higiene em geral. Uma só lavagem na máquina consome 150 Litros. 10 minutos de chuveiro consomem 190 Litros. Lavar os dentes sem fechar a torneira, lá se vão 15 a 20 litros.

Uma grande crise se aproxima. A população mundial triplicou no século XX e caminhamos rapidamente para uma população de 10 bilhões no século XXI – a maioria nascendo em países com problemas de abastecimento. Os reservatórios serão insuficientes. Grandes cidades como Los Angeles, São Paulo não terão água em 5 anos. Milhões já convivem com a falta de água. Há milhões de refugiados por razões políticas, étnicas, religiosas e sem acesso à água e condições básicas de sobrevivência.

1/3 da população mundial não tem acesso a instalações sanitárias adequadas. 1/5 não tem acesso a água potável. Mesmo serviços de bombeamento de água subterrânea estão limitados em alguns lugares. Lençóis estão já esgotados, gerando riscos para plantio de lavouras, conseqüentemente uma crise alimentar incalculável, incluindo a falta de grãos ou produzidos/comercializados por preços excessivos. China, Egito, Índia, Paquistão tem falta de produção de sementes.

Todos temos sede, nossa agricultura, nossa indústria. Analistas preveem discórdias e guerras ante a disputa pela escassez da água.

HOMENS RETOCANDO CERCA

O inesperado vendaval da noite anterior, mês pleno de Agosto, deixara estragos por toda a propriedade. Arrancara telhas do barracão, derrubara árvores no pomar e à beira das estradas. Um trecho da cerca de arame que cercava a capineira fora seriamente danificado e achava-se por terra. Um grosso galho de canjerana, decepado da árvore pela ventania, caíra sobre a cerca, quebrando quase uma dezena de moirões e rompendo os fios de arame farpado em inúmeros pontos. Apesar dos estragos, contudo, a manhã surgira jubilosa, atmosfera limpa, leve, preenhe de inebriantes odores e perfumes. Legiões de abelhas pululavam, se banquetevavam de pólen dentre as floradas precoces das mangueiras e laranjeiras.

Serviço urgente a ser providenciado, período da seca se aposando, pois a capineira e o canal estavam reservados e o gado não poderia por a boca antes da hora. A cerca teria que ser reparada, de pronto. Afinal já diz o ditado: cachorro entra na igreja, porque acha a porta aberta.

Dois trabalhadores, um ainda moço, o outro já maduro, quarentão ou quem sabe cinquentão, ali se movimentavam, a postos. Primeira providência: dar uma faxina com a foice – muitas urzes, unhas de gato, lobeiras, ramos e galhadas de árvores ali dispersos -, de forma a poderem trabalhar com mais desembaraço, agilidade. Alguns arbustos ainda novos, cipó de São João, melão de São Caetano, ao lado, curiosamente, foram poupados. Uma enxada faz-se igualmente necessária, completando o serviço de foice, a fim de eliminar umas touceiras de braquiária ali altas. Enquanto capina, o moço, despreziosamente, cantarola uma conhecida antiga: - Minha enxadinha trabalha bem, corta matinho no vai e vem...

A seguir, retirar os arames despedaçados, despregando-os dos grampos que, eventualmente, resistiram ao impacto da queda da galhada, bem como remover e substituir os moirões fendidos, rachados. Trecho limpo, espaço alinhado, é hora de recompor o

tapume. Nas cavidades onde se achavam os moirões anteriores, reabrir e limpar o antigo orifício para ali se alojar, com segurança, o novo moirão. O trabalhador mais velho, no manejo do enxadão e da cavadeira tatu, esmera-se no trabalho. Serviço de especialista, uma meticulosa drenagem, demorada curetagem. À medida que encontra detritos, restos de raízes, fragmentos deixados pelo moirão velho (era uma cerca já antiga, tivera, como usuários e hóspedes, muitos moirões ali fincados, ao longo do tempo), retira-os minuciosa e integralmente. Ao companheiro jovem que estranha cuidados tão exigentes e um verdadeiro ritual, explica:

- Se não tirar a saburra, a morraça dos paus anteriores, o moirão novo não encaixa bem, a ligação não satisfaz... Para moirão novo, buraco bem caprichado, meu amigo!

E complementa, com um ar de desaponto: - Ah, por mais que se limpe o buraco, se retire, ao máximo, a piçarra, ainda fica uma resma velha, uma inhaca que não sai de todo. Como diz o ditado: cuia que guardou pimenta nunca perde o ardume...

Encerrada a operação de limpeza, moirão jovem colocado na cavidade, terra socada ao pé para firmar a peça, eis o arame estendido, iniciando-se nova tarefa. Pregos nos moirões. Ao tentar fixar, por umas duas vezes, o grampo novo num moirão de candeia, recém disposto, o prego ricocheteia, voa longe. O trabalhador mais velho, uma vez mais, vem em socorro do companheiro jovem e esclarece:

- Para madeira nova, prego velho!

À saída, o moço aponta os pedúnculos do cipó de São João e do melão de São Caetano, por ele ali deixados quando da limpeza de foice e diz ao companheiro:

- Daqui a algumas semanas, início de chuva, eles vão crescer e abarcar a cerca. Com todas aquelas flores, cores ah! vai ser aquela trepada de todo tamanho, de fazer revirar os olhos...

